



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**PRISCILA MIKAELLE COSTA DE ARAÚJO**

**ALFABETIZAÇÃO DE ADULTAS: perspectivas de empoderamento**

**JOÃO PESSOA- PB**  
**2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

PRISCILA MIKAELLE COSTA DE ARAÚJO

**ALFABETIZAÇÃO DE ADULTAS:** perspectivas de empoderamento

Trabalho de conclusão de curso apresentado em  
cumprimento às exigências para a obtenção do título de  
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Eulina Pessoa de Carvalho

Co-Orientador: Prof<sup>º</sup>. Dr<sup>º</sup>. Timothy Denis Ireland

JOÃO PESSOA-PB

2017

A663a Araújo, Priscila Mikaelle Costa de.

Alfabetização de adultas: perspectivas de empoderamento /  
Priscila Mikaelle Costa de Araújo. – João Pessoa: UFPB, 2017.  
44f.

Orientadora: Maria Eulina Pessoa de Carvalho  
Co-orientador: Timothy Denis Ireland  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –  
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Alfabetização de mulheres. 2. Gênero. 3. Empoderamento.  
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37-055.2(043.2)

PRISCILA MIKAELLE COSTA DE ARAÚJO

**ALFABETIZAÇÃO DE ADULTAS:** perspectivas de empoderamento.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Eulina Pessoa de Carvalho  
Orientadora

---

Prof. Dr. Timothy Denis Ireland  
Co- orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jeane Félix  
Examinadora

Dedico este trabalho a todas as pessoas que porventura sentirão interesse de lê-lo. Principalmente aqueles que estiveram presentes em minha árdua jornada de formação, pessoas especiais que lembrarei sempre.

## **AGRADECIMENTOS**

Os agradecimentos aqui imputados, serão sem dúvida para as pessoas maravilhosas que passaram em minha vida durante esse período que estive na Universidade. Fazendo jus à minha lembrança de momentos inesquecíveis, sobretudo, de aprendizado. Agradeço a todos/as os/as professores/as que me conduziram nessa grande jornada. A base deve ser muito bem preparada para aguentar o peso da construção. E foi isso que tive nesse curso, uma base sólida, que me possibilitou amadurecer intelectualmente e ter certeza de que o caminho para uma aprendizagem significativa é o posicionamento crítico diante de questões relevantes. Grata aos Professores Maria Eulina Pessoa de Carvalho e Timothy Denis Ireland que abraçaram a temática que resultou neste trabalho, ambos com uma generosidade impar me guiaram até a conclusão. Agradeço a minha família na figura de minha mãe que sempre esteve do meu lado, hora com suas cobranças, hora com seus sábios conselhos. Por fim, agradecimentos cabidos às alunas da Escola Luís Augusto Crispim, que dispuseram de suas histórias de vida para serem analisadas em âmbito acadêmico.

## **RESUMO**

Este trabalho teve como objetivo a tessitura de uma análise sobre a trajetória escolar de mulheres inseridas na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos-EJA, mais especificadamente inseridas no Ciclo 1, que corresponde a Alfabetização. De modo que, buscamos entender os motivos que levaram essas mulheres a desistirem da escola no passado e suas motivações para retornar à sala de aula da Alfabetização de Jovens e Adultos-AJA. Os estudos têm como foco principal o processo de alfabetização como perspectiva de empoderamento. A pesquisa de Campo foi realizada na Escola Municipal Luís Augusto Crispim, na Cidade de João Pessoa-PB. A coleta e análise dos dados foi feita com base em estudos e leituras acerca da temática norteadora deste trabalho, sobretudo, dando ênfase às implicações de gênero no processo de exclusão e inclusão das mulheres na sala da AJA. Chegamos à conclusão do quanto é importante ter um olhar diferenciado para as mulheres que por diversos motivos tiveram suas vidas escolares interrompidas. Não esquecendo que as questões de gênero e identidade perpassam também as questões culturais e educacionais, nós discutimos neste trabalho o papel da mulher, a importância da alfabetização e principalmente a mudança na postura e na tomada de decisão partindo de uma perspectiva de empoderamento. Por fim, foi possível concluir que a alfabetização quando é tratada e pensada de forma crítica, pode sim, contribuir e até mesmo ser condição para o empoderamento feminino.

Palavras-chave: Alfabetização de mulheres; Questões de gênero; Empoderamento Feminino; Educação de Jovens e Adultos.

## **ABSTRACT**

Este trabajo tuvo como objetivo la tesitura de un análisis sobre la trayectoria escolar de mujeres insertadas en el aula de Alfabetización de Adultos-AJA. De modo que, buscamos analizar los motivos que llevaron a esas mujeres a desistir de la escuela en el pasado y sus motivaciones para regresar al aula de la Educación de Jóvenes y Adultos - EJA. Los estudios tienen como foco principal el proceso de alfabetización como precondition para la perspectiva de empoderamiento. La investigación de Campo fue realizada en la Escuela Municipal Luís Augusto Crispim, en la Ciudad de João Pessoa-PB. La recolección y análisis de los datos se basó en estudios y lecturas sobre las temas centrales de este trabajo, sobre todo, dando énfasis a las implicaciones de género sobre el proceso de exclusión e inclusión de la sala de la AJA. Llegamos a la conclusión de cuán importante es tener una mirada diferenciada para las mujeres que por diversos motivos tuvieron su vida escolar interrumpida. No olvidando que las cuestiones de género e identidad atraviesan también las cuestiones culturales y educativas, discutimos en este trabajo el papel de la mujer, la importancia de la alfabetización y principalmente el cambio en la postura y la toma de decisión partiendo de una perspectiva de empoderamiento. Finalmente, fue posible concluir que la alfabetización cuando es tratada y pensada de forma crítica, puede sí, contribuir e incluso ser precondition para el empoderamiento femenino.

Palabras clave: Alfabetización de mujeres; Cuestiones de género; Empoderamiento Femenino; Educación de Jóvenes y Adultos.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. AJA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....</b>	<b>14</b>
<b>3. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>19</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: trajetória de exclusão escolar e inclusão na AJA.....</b>	<b>23</b>
<b>5. MOTIVAÇÃO PARA O RETORNO À SALA DE AULA: perspectivas futuras.....</b>	<b>30</b>
<b>6. EMPODERAMENTO DE MULHERES: mudanças na postura e no pensamento à partir da alfabetização.....</b>	<b>36</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho originou-se em uma disciplina de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, onde se buscou analisar a relação entre mulher, alfabetização e empoderamento em uma turma de empregadas domésticas, de uma escola da rede pública no município de João Pessoa-PB.

Nossos principais objetivos foram: refletir sobre os possíveis motivos que levaram essas mulheres, tanto a desistirem no passado, quanto a retornarem a uma sala de aula de Alfabetização de Jovens e Adultas (AJA); e identificar de que modo a volta à escola possibilitou uma mudança em relação à tomada de decisões, além de identificar se as mesmas entendiam esse retorno à sala de aula com mulheres que, em sua totalidade, trabalham como empregadas domésticas, como possibilidade de empoderamento.

Sendo o foco central, neste trabalho, articular alfabetização de mulheres e empoderamento feminino se faz necessário enfatizar o surgimento dessa discussão já em 1997 em Hamburgo, na V Conferência Internacional de Educação de Adultos (V CONFINTEA) que, ao tratar da alfabetização de adultos, coloca como uma de suas prioridades o empoderamento e a integração das mulheres no processo de alfabetização e escolarização como direito. Já na Agenda para o futuro contida no mesmo documento, identificamos claramente o indicativo da articulação da alfabetização com o empoderamento das mulheres. Para sua plena participação e inclusão social, e controle de suas próprias vidas (UNESCO, 1997).

Além de toda discussão que girava em torno do empoderamento das mulheres por meio da educação de jovens e adultos, conseqüentemente a ênfase seria na alfabetização que é a porta de entrada da escolarização para aquelas pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na sua infância. Também constitui um dos graves desafios enfrentados

pelas sociedades mundo afora inclusive a brasileira Na Declaração de Hamburgo, com a Agenda para o futuro, um tema em destaque também foi a promoção do empoderamento das mulheres e a equidade de gênero pela aprendizagem de adultos. Vejamos, entre os apontamentos registrados na ocasião, alguns que visam promover a capacitação e a autonomia das mulheres, através da EJA:

- d) Eliminando as desigualdades entre homens e mulheres, em matéria de acesso a todas as áreas e níveis de educação;  
[...]
- f) Reforçando, pela informação e orientação, a capacidade de as mulheres se protegerem contra a violência familiar e sexual, e associando os homens a esses esforços educativos;  
[...]
- g) Eliminando obstáculos que impedem adolescentes grávidas e jovens mães de terem acesso à educação formal e não formal;  
[...]
- l) Encorajando as mulheres a criar organismos femininos para promover sua identidade coletiva e provocar a mudança;
- m) Favorecendo a participação das mulheres nos processos de tomada de decisão e a sua presença nas estruturas oficiais (UNESCO, 1997).

Em estudo recente, Barbosa (2015) faz uma análise sobre a alfabetização de adultos e a aquisição da autoestima, de modo que, em sua análise, ela chega à conclusão de que a questão da autoestima pode ser compreendida de duas formas. A primeira seria que, ao ingressar na alfabetização e no decorrer do processo de aprendizagem, esses sujeitos se mostram mais autônomos e com níveis de confiança em alta, consequentemente com autoestima elevada. O segundo ponto seria a não identificação de características que demonstram uma autoestima elevada em sujeitos que não dominam a leitura e a escrita. Nesse caso, podemos dizer que o primeiro indício para o empoderamento através da alfabetização perpassa também essa questão. Para além da autoestima, Giroux, em seu texto Alfabetização e a pedagogia do empoderamento político, alerta que:

A alfabetização, dentro dessa perspectiva mais ampla, não apenas *empowers* as pessoas mediante uma combinação de habilidades pedagógicas e de análise crítica, como também se torna um veículo para estudar de que modo

definições culturais de gênero, raça, classe e subjetividade se constituem como construtos tanto históricos quanto sociais. (GIROUX, 1988, p. 4).

Nessa perspectiva é importante entender que a alfabetização dentro de um contexto de empoderamento deve atender posições políticas definidas, no sentido do entendimento dos sujeitos dentro desse processo, que é também de formação crítica.

Paulo Freire vem desde a década de 1990 traçando um modelo político-emancipatório dentro de uma visão teórico-prática, que fundamenta a alfabetização na perspectiva de empoderamento. Segundo o mesmo, empoderamento está diretamente ligado a um processo de conscientização, que é compreendida como a passagem de um pensamento ingênuo para uma consciência crítica. Esse processo de mudança se dá na relação dialógica ser humano *versus* mundo. Essa dialogicidade vai além de um mero intercâmbio de palavras, buscando, sobretudo, romper com o paradigma do conhecimento sem problematização. Para além disso, revive o desejo de questionar as relações dominantes em que o conhecimento é produzido. Só assim o diálogo pode ser colocado a serviço de uma educação emancipadora/empoderadora. Nessa perspectiva, o empoderamento para Freire não é uma questão de conquista apenas individual, para que ele de fato se efetive e possa definir caminhos de mudanças, deve ser entendido como luta coletiva, pois:

Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade (FREIRE, 1986, p. 135).

Neste sentido, a alfabetização é fundamental para erguer de uma forma assertiva a voz de cada um como parte de um projeto mais amplo e coletivo de possibilidade e de

empowerment (GIROUX, 1988, p. 5), justificativa elencada para fundamentar o segundo objetivo deste trabalho.

A análise começa a se desenrolar em uma primeira visita a uma turma de alfabetização que se encontra na Escola Municipal Luís Augusto Crispim, situada na avenida Tancredo Neves, no bairro dos Ipês. A escola é pioneira em um projeto que visava alfabetizar uma turma de empregadas domésticas, iniciado pela Secretaria de Educação do município de João Pessoa, em 2012, visto que o bairro possui um número considerável dessas profissionais que trabalhavam e trabalham nos bairros vizinhos, a exemplo dos bairros de Manaíra e Bessa, dando oportunidade a elas de se alfabetizarem e dar continuidade aos estudos interrompidos no passado.

A turma que deu início ao projeto, em 2012, no ciclo um da EJA, era composta por 21 mulheres e contava também com alunas de bairros considerados distantes da escola, como os bairros Mangabeira e Valentina. Esse número surpreendeu não só a direção da escola como a Secretaria de Educação, que prometeu ajudar financeiramente com o transporte das alunas, para que estas tivessem um incentivo a mais para dar continuidade às aulas.

Infelizmente, segundo a gestora da escola, a Secretaria de Educação nunca cumpriu a promessa e as estudantes do referido projeto sempre tiveram que arcar com os custos das passagens. A turma de empregadas domésticas conseguiu se manter com o mesmo número de alunas até o segundo ciclo (3º série do ensino fundamental), porém entre 2013 e 2014 a sala se tornou mista.

Recentemente, após uma segunda visita à escola conseguimos constatar que as mulheres empregadas domésticas que iniciaram o referido projeto terminaram os estudos com êxito.

Este texto está dividido em cinco tópicos. Neste primeiro, apresentaremos uma linha histórica da AJA em níveis internacional, nacional e estadual, com informações quantitativas dos Censos demográficos das décadas de 1940 até 2010. O segundo tópico traz o passo a passo da metodologia utilizada na obtenção e análise dos dados coletados na turma de AJA da respectiva escola. O terceiro refere-se aos resultados e discussões. Neste recorte tratamos de duas questões: a primeira é o motivo do abandono da escola por parte das alunas da turma de AJA que foram entrevistadas e a segunda refere-se aos motivos que as fizeram retornar à sala de EJA/AJA, bem como as mudanças que aconteceram no decorrer desse processo. No último tópico tratamos de responder à questão central deste estudo: a alfabetização de mulheres é uma garantia de empoderamento?

## **2. AJA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA**

Podemos perceber que desde a década de 1940, o primeiro Censo do recém-criado Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) anunciou que as taxas de analfabetismo nos grupos de idade de 5 a 9 e 10 a 14 anos eram maiores entre os homens. A partir dos 15 anos acima a taxa de analfabetismo era expressivamente maior entre as mulheres. No entanto, o Censo de 1940 já apresenta uma clara tendência de que as mulheres nos próximos anos se equiparariam aos homens, com taxas idênticas de analfabetismo na faixa de 15 a 19 anos.

Em 1950, o Conselho Nacional de Estatística (CNE), na obra *Contribuições para o Estudo da Demografia no Brasil*, além de constatar “o gravíssimo atraso da instrução primária no Brasil (IBGE/CNE, 1961, p. 395), confirmava as expectativas apresentadas no Censo de 1940, relatando que o “aumento da alfabetização foi menor na população masculina de 10 anos e mais (de 48,15% em 1940 para 52,62% em 1950) do que na feminina (de 37,99% para

44,17%), atenuando-se assim a inferioridade das mulheres que, todavia, se mantém ainda bem marcada”. (IBGE/CNE, 1961, p.391).

Nos Censos de 1960 e 1970 se mantém e amplia a vantagem das mulheres em relação aos homens no tocante à alfabetização nos grupos de 5 a 9 anos até 15 a 19 anos. Nos grupos de idade seguintes se observa uma redução da distância entre as taxas femininas e masculinas de alfabetização.

Em 1980, o Censo do IBGE mostra que a superioridade feminina em relação à alfabetização avança para o grupo de idade de 20 a 24 anos e continua diminuindo a diferença entre os grupos de 24 anos acima. Mas é no Censo de 2000 que se consolidam as mudanças anunciadas no Censo de 1940. A superioridade de mulheres e homens e vice-versa é repartida ao meio. As mulheres apresentam taxas mais elevadas de alfabetização nos grupos de 5 a 9 até 40 a 44 anos, continuando em desvantagem em todos os grupos de idade a partir de 45 a 49 até 80 anos ou mais. Ferraro (2009) acredita que se a dinâmica do fenômeno continuar “pode-se prever que se chegará ao ano/Censo de 2030 ou 2040 com taxas de alfabetização relativamente mais elevadas entre as mulheres do que entre os homens, de ponta a ponta na estrutura da idade”.

O Brasil sempre enfrentou severas críticas em relação a sua população analfabeta, várias discussões foram travadas e várias medidas apontadas para a superação do desafio do analfabetismo no país. Se comparado a outros países a situação das pessoas escolarizadas no Brasil era por exemplo em 1886 considerada drástica, pois enquanto aqui apenas 1,8% da população era escolarizada, na Argentina já eram 6% os escolarizados (ALMEIDA, 1889 apud INEP, 2003, p. 6). A situação da Europa era um pouco diferente da América Latina: na França, por exemplo, o percentual era de 20% da população escolarizada. Com um salto na história de mais de 100 anos e com o problema do analfabetismo identificado, o Brasil em

2003 lançou o Programa Brasil Alfabetizado que teve o aval da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), na Década das Nações Unidas para a Alfabetização, que visava aumentar os níveis de alfabetismo e empoderar pessoas globalmente.

Em 1990, a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien, ressaltou a importância de investimentos na educação básica de meninas e mulheres, para que esta se torne equitativa e ofereça “a todas as crianças, jovens e adultos/as a oportunidade de alcançar e manter um padrão mínimo de qualidade e aprendizagem. A prioridade mais urgente é melhorar a qualidade e garantir o acesso à educação para meninas e mulheres, e superar todos os obstáculos que impedem sua participação ativa no processo educativo. Os preconceitos e estereótipos de qualquer natureza devem ser eliminados da educação” (UNESCO, 1998, p. 4). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) contém em sua Seção V, voltada para Educação de Jovens e Adultos apenas dois artigos:

Art. 37º. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Art. 38º. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

Notamos o quão frágil é a LDB em relação às questões de gênero, alfabetização e empoderamento de mulheres, bem como às necessidades e demandas do público que a EJA/AJA abarca. Não se observa nada que reitere as questões socioeconômicas e raciais, como também as condições de desvantagens que pessoas mais velhas enfrentam até chegar a uma sala de aula da EJA/AJA, metas ou objetivos para que o Estado repare uma dívida histórica com pessoas que, pelos motivos mais variados, principalmente o trabalho na idade inadequada, não tiveram oportunidade de acesso e permanência no sistema educacional.



Dois marcos internacionais de extrema importância para a EJA e, conseqüentemente, para a educação/alfabetização de mulheres são a já mencionada Declaração de Hamburgo, V Conferência Internacional de Educação de Adultos (V CONFINTEA), de 1997, e a Declaração de Dakar de 2000. A primeira em seu Tema IV aponta que:

A igualdade de oportunidades em todos os aspectos ligados à educação é indispensável para permitir que as mulheres de todas as idades contribuam plenamente com a sociedade e para a solução dos múltiplos problemas enfrentados pela humanidade. Quando isoladas socialmente, sem acesso ao conhecimento e à informação, as mulheres estão excluídas da tomada de decisão no seio da família, da comunidade e da sociedade em geral, e são donas apenas, muito parcialmente, de seu próprio corpo e destino. Os sistemas educacionais deveriam, portanto, combater obstáculos que as impedem de ter acesso a recursos intelectuais, fornecendo-lhes meios de participar plenamente das transformações sociais. A mensagem da paridade e da igualdade de acesso não deve ficar circunscrita a programas destinados a mulheres. Convém, por meio da educação, fazer com que as mulheres tomem consciência da necessidade de se organizarem. (UNESCO, 1997, p. 42)

A Declaração de Dakar (2000), em suas metas, destaca a necessidade de “assegurar que todas as crianças, com ênfase especial nas meninas e crianças em circunstâncias difíceis, tenham acesso à educação primária, obrigatória, gratuita e de boa qualidade até o ano de 2015”; e “implementar estratégias integradas para promover a equidade de gênero na educação, que reconheçam a necessidade de mudar atitudes, valores e práticas” (Dakar, 2000, p. 9).

No Censo 2010, no Brasil, podemos perceber que a tendência apresentada nos censos anteriores prevalece mais uma vez: as mulheres continuam com taxas de analfabetismo menores que os homens, contudo essa tendência desaparece no grupo de 60 anos ou mais. Percebemos que as mulheres mais velhas estão quase três pontos percentuais acima dos homens em taxa de analfabetismo. No grupo de 15 a 29 anos as mulheres apresentam taxas de 1,90% e os homens 3,60%; no grupo de 30 a 59 anos as mulheres estão com 8,50% enquanto

os homens 10,30% em porcentagem de analfabetos; e no grupo de 60 anos ou mais, as mulheres apresentam 27,40% contra 24,90% dos homens.

No Nordeste a composição se assemelha aos percentuais apresentados em nível nacional: No grupo de 15 a 29 anos, mulheres com 3,8% e homens com 7,7%; no grupo de 30 a 59 anos, mulheres com 18,1% e homens com 23,6%; e, por último, no grupo de 60 anos ou mais, as mulheres apresentam 46,1% enquanto que os homens apresentam 47% em taxas de analfabetismo (BRASIL, 2010).

Na Paraíba a estrutura continua a mesma, mulheres nos primeiros grupos de idade com taxas menores que os homens e no grupo de 60 anos ou mais três pontos percentuais acima deles. No grupo de 15 a 29 anos, mulheres com 1,40% e homens com 3,30%; no grupo de 30 a 59 anos, mulheres com 7,80% e homens com 9,30%; e, por último, no grupo de 60 anos ou mais, as mulheres apresentam 21,10% enquanto que os homens apresentam 18,10% em taxas de analfabetismo (BRASIL, 2010).

É mister perceber que os dados trazidos e citados acima dão conta de visibilizar a importância de se ter um olhar diferenciado para a educação de mulheres, considerando que esta permite que as mesmas contribuam com a sociedade de forma efetiva na solução de problemas que na maioria das vezes estão diretamente relacionados às questões de inferioridade, opressão e submissão que tanto sofrem. Essa discussão permeia a necessidade de fazer com que essas mulheres percebam a capacidade de organização, seja individual ou coletiva, no que tange à tomada de decisão sobre suas próprias vidas, promovendo sua igualdade e autonomia nas relações entre homens e mulheres.

### **3. PERCURSO METODOLÓGICO**

A pesquisa em pauta foi realizada em uma escola pública, localizada no município de João Pessoa que atende ao 1º, 2º e 3º segmentos da EJA, em dezembro de 2014, e posteriormente em uma segunda visita em abril do corrente ano, no turno da noite, na sala de aula do 1º ciclo da EJA. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na medida em que se mostra importante para a redescoberta das histórias de vida, que têm precedentes nas teorias voltadas às problemáticas do sujeito e da interpretação que ele/ela faz de sua situação social; e de cunho exploratório interpretativo fazendo uso de entrevistas semiestruturadas de história oral. Segundo Martins (2004, p. 289), a pesquisa qualitativa se preocupa em analisar microprocessos, através do estudo de ações sociais individuais e grupais. No cerne da história oral, Martins (2004) ressalta “o movimento não apenas como coleta de dados que já foram produzidos, mas a elaboração de novos documentos a partir de relatos e entrevistas de pessoas que não necessariamente têm uma projeção na vida pública ou alguma notoriedade, mas se encontram em condições de relatar algo sobre a sua participação na história”. A metodologia aplicada à análise e sistematização dos dados empíricos, implicou na necessidade do levantamento de discussões teóricas, pois uma característica da análise qualitativa é privilegiar microprocessos através de estudos das ações individuais e coletivas.

No ano de 2014, em uma primeira visita a essa já referida escola, tivemos nossas primeiras aproximações para conhecermos, em primeiro lugar, o projeto de uma sala de aula para empregadas domésticas e em segundo lugar conversar com as educandas e nos aproximarmos de suas realidades enquanto estudantes de uma sala de aula de EJA, que naquela ocasião estava direcionada para um segmento específico. Nesse primeiro contato podemos entender o quão a trajetória de vidas dessas mulheres era marcada por lutas relacionadas às questões de gênero, principalmente ao tratarmos dos motivos que as deixaram fora da escola.

As três mulheres entrevistadas na ocasião nos relataram que não nasceram em João Pessoa, que desde pequenas trabalham, tanto na roça, quanto em casa de família, que tiveram relacionamentos violentos e que não conseguiram estudar no passado por imposição de seus companheiros e porque tinham que cuidar da casa e dos filhos. Uma das entrevistadas era uma mulher forte e aguerrida, que mostrava confiança em sua fala. Na entrevista nos relatou que era presidente do sindicato das empregadas domésticas e que sempre tentou ajudar as mulheres e suas companheiras de sala de aula a superar os obstáculos para continuarem estudando. No geral o grande desejo dessas mulheres era aprender a ler e a escrever, saber se comunicar e transitar sem que precisassem pedir auxílio, pois o grande entrave que muitas relataram era a falta de leitura para as tarefas consideradas por muitos de nós simples, como por exemplo: pegar um ônibus, fazer uma lista de compras, passar um troco, dentre outras atividades.

Com auxílio de um gravador, entrevistamos três mulheres na primeira visita, depois, em abril de 2017, seis mulheres em um segundo encontro. Depois de uma apresentação formal na sala de aula, explicamos que estaríamos ali para conversar com as alunas da turma que, na ocasião, era formada em sua maioria por empregadas domésticas, a fim de entrevistá-las com o desejo de conhecer sua história de vida dentro do processo de alfabetização. A partir daí todas as estudantes da sala se voluntariaram. Desse modo, trataremos de dar voz às seis mulheres entrevistadas, uma vez que o cerne da discussão neste trabalho é justamente a articulação entre alfabetização de mulheres e empoderamento feminino.

Ter a entrevista como principal instrumento para a obtenção de dados “implica em aceitar a identidade de natureza entre sujeito e objeto e, portanto, a pressuposição de que a entrevista é o encontro de dois sujeitos tendo como objetivo o estabelecimento de uma situação de interação” (TRIGO e BRIOSCHI, 1992, p. 31).

Nesse contexto de entrevistas buscou-se reconstruir a trajetória escolar dessas mulheres por meio de história oral, uma vez que o depoimento oral ou escrito necessita esforço de sistematização e claras coordenadas interpretativas (BOSI, 1993, p. 277), na tentativa de entender os motivos que levaram essas mulheres da sala de alfabetização (e, conseqüentemente, empregadas domésticas) a desistirem dos estudos no passado e, posteriormente, depois de um longo espaço de tempo, retornarem a uma sala de aula de AJA.

Nessa perspectiva, entendemos que quaisquer que sejam as relações entre investigador/a e investigado/a, é sempre uma relação social e política. E devemos tomar o cuidado com o uso da metodologia qualitativa, para que, em vez de cientistas, não nos transformemos em militantes que buscam entender a realidade não como ela é, mais como gostaríamos que ela fosse (MARTINS, 2004).

As entrevistas seguiram o roteiro de perguntas a seguir:

- Quais motivos levaram você a desistir de estudar no passado?
- O que motivou seu retorno à sala de aula de alfabetização?
- Depois de começar ou retornar à sala de aula de alfabetização, você percebeu que o convívio com seus familiares e as pessoas no geral mudou, como?
- Na sua opinião, estar estudando te ajuda a enfrentar as dificuldades no cotidiano?
- Na sua opinião o que é ser uma mulher empoderada? Você acha que o fato de estar sendo alfabetizada ajuda você a se sentir uma mulher empoderada?
- Quais são suas perspectivas futuras em relação aos estudos?

Tendo as entrevistas em áudio, o segundo passo foi a transcrição das mesmas, e o agrupamento das informações. Criamos um quadro simples para alinhar as respostas de forma que possibilitasse-nos lembrar o evento, assim como completar informações que poderiam

ter sido deixadas de lado. Com isso podemos identificar temas que se repetem ao longo dos relatos a exemplo dos motivos pelos quais essas mulheres abandonaram a escola no passado, onde em análise preliminar se constata como principais motivos: casamento, maternidade, os cuidados com o lar e o trabalho remunerado.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: trajetória de exclusão escolar e inclusão na AJA**

As mudanças econômicas e culturais pelas quais estamos passando têm levado ao crescimento da participação das mulheres nos programas de Educação de Jovens e Adultos/as, na tentativa de superar a sua exclusão do sistema educacional. É através da AJA que muitas delas estão tendo a oportunidade de iniciar ou dar continuidade a sua escolarização. Essas mulheres fazem parte do grupo que fora “excluído” da escola, no entanto, esse sentimento não interferiu na busca, mesmo considerada por muitos/as tardia. Foi no contato com as mulheres da turma de alfabetização que identificamos histórias de vida marcadas por uma sociedade androcêntrica e machista que geralmente impõe e normaliza a posição da mulher como subalterna e reduzida ao espaço privado/doméstico.

Estudos comprovam que desde a década de 1940 a mulher vem alcançando espaço na educação formal, no Brasil. A necessidade de discutir a figura feminina na EJA/AJA é de extrema importância, uma vez que as grandes agências internacionais apontam um olhar diferenciado para esse crescimento e participação das mesmas na busca pela educação e melhoria de vida de seus familiares. Na literatura brasileira, são poucos os trabalhos nessa temática datados nos anos 2000, destacando-se Beltrão (2002) e Rosenberg (2001).

Nos Censos do IBGE de 1940 a 1980 os grupos de idade relacionados a educação e alfabetização eram analisados apenas pela ótica da divisão dos sexos, sem levar em conta outros marcadores sociais, como raça e condições socioeconômicas. Para Rosenberg (1996), a comparação de homens e mulheres em termos de acesso à educação formal no Brasil revela a existência de oportunidade e barreiras equivalentes em função da origem econômica e do pertencimento racial, ou uma situação de igualdade de oportunidade de acesso e permanência educacional para os sexos.

As questões de gênero são marcadamente algo que sedimenta esse processo de afirmação dos papéis e identidades dos homens e mulheres na sociedade e também na alfabetização. Para Louro (1997), o conceito de gênero tem uma relação direta com a identidade que, por sua vez, implica na multiplicidade de posições, que se alteram de acordo com as funções das demandas culturais, sociais, políticas, econômicas, religiosas, educacionais dentre outras. Portanto, as noções de gênero não são fixas, mas históricas, embora tenham implicado uma relação de poder em que o polo feminino é inferiorizado.

As relações de desigualdades de gênero são responsáveis em grande parte pela segregação das mulheres nos espaços privados e, quando adentram os espaços públicos, são excluídas das posições de privilégio e poder, restritas aos homens. Não deixa de ser diferente quando falamos sobre AJA. Visivelmente o número de mulheres nas salas de aula da alfabetização é superior ao número de homens, mas quando analisamos os motivos do abandono no passado por parte dessas mulheres a imposição, o controle e a violência por parte dos homens são marcas que ficam visíveis nos discursos destas mulheres, quando relatam que seus companheiros não deixavam que elas estudassem. As relações de poder determinam uma superioridade dos homens em detrimento da mulher, o que anteriormente, na

grande maioria, implicava sua exclusão escolar. Vejamos os motivos que levaram as entrevistadas a desistirem ou abandonarem a escola no passado:

Quando eu era pequena, no sítio onde eu morava não tinha escola ainda não. Depois, quando criaram a escola minha mãe me matriculou. Depois de um tempo não tinha mais professora, aí minha mãe tirou a gente da escola e não estudamos mais. Quando eu cheguei em João Pessoa, estudei em um centro comunitário ali perto do ponto final do Bairro dos Ipês, só que uma vez um homem correu atrás de mim para me pegar, aí meu pai disse que eu não ia estudar mais. Depois que eu casei, eu engravidei, minha gravidez era de risco e eu não saía de casa, e o médico e meu marido disse que era melhor eu ficar em casa. Depois que eu tive minha filha, que já está com 11 anos, aí eu comecei a estudar de novo. Comecei o ano passado, faltava 3 meses para o ano acabar. *(1ª entrevistada: 45 anos, trabalha como empregada doméstica, casada, mãe de 5 filhos).*

Quando eu era pequena eu nunca fui na escola porque meus pais nunca me botaram. Eu também achava que não interessava, eu nunca exigi deles. Foram nove filhos e todos nove ninguém sabe de nada, aí eu estava já grande, eu já era mãe de família e um certo dia eu vi umas colegas minha conversando e de longe eu fiquei olhando e tentando entender o que elas estavam conversando e eu não entendi nada, nesse dia eu disse assim: Vou para a escola! Aí já grande eu fui pra escola, cheguei lá dei meus dados, meus documentos e fiquei estudando. Eu não sabia de nada, fiquei indo e o interesse foi tão grande, não sei como foi que eu aprendi a fazer meu nome. Meu primeiro documento eu não tirei porque eu não sabia fazer o nome, tinha que colocar o dedo e eu não tirei. Depois que eu aprendi o nome, eu deixei a escola pra lá. Depois conheci esse meu companheiro e ele é muito ignorante, então fiquei sem estudar muitos anos. Comecei a trabalhar..... Meu companheiro dizia que mulher que vai estudar não vai aprender nada, vai atrás de homem. Aí eu disse, sabe de uma coisa, eu num vou não, porque eu num quero arrumar briga. O tempo foi passando e no serviço que eu trabalho colocaram uma escolinha, eu não sabia de nada, o nome eu já não sabia mais fazer.... Observando a escolinha eu aprendi algumas coisas, umas letras porque eu entrava lá e ficava meia horinha. Depois a escola acabou e eu fiquei mais um tempão sem estudar. Depois eu ficava só fazendo caça-palavra. *(2ª entrevistada: 54 anos, trabalha em serviços gerais/limpeza, solteira, mãe de 1 filho).*

Morava no interior, e aí meu pai e minha mãe nos colocaram na escola para estudar, depois tiraram a gente da escola. Trabalhávamos o dia inteiro na roça e meu pai era uma pessoa muito ignorante e dizia: não tem que estudar, tem que trabalhar e ajudar em casa. Aí depois, quando eu fiquei com uns 18 anos, comecei a trabalhar em casa de família e também naquela época nenhum patrão deixava a gente estudar. Quando completei 21 anos arranjei uma pessoa e fui viver com ela e também continuei sem estudar. Ele não deixava e dizia que agora eu tinha filho e que não tinha mais como ir para a escola e nem muito menos estudar. Tive um segundo relacionamento e outro filho e a outra pessoa também não deixava. Aí eu não aguentei, me revoltei e disse a ele: pronto, vou me separar de você e vou estudar, me separei e vim embora pra João Pessoa e comecei a estudar, porque eu comecei a ver que sem estudo a gente não é ninguém. Olha o exemplo da minha irmã, mesmo sem o meu pai deixar ela veio pra João Pessoa e começou a trabalhar em



casa de família e meteu também a “cara nos estudos” e hoje ela está se formando em Direito, vai ser advogada. Eu sempre tive vontade de estudar e na época que eu vivia com o pai do meu primeiro filho era um inferno, ele ia na escola, me ameaçar e brigávamos muito, então eu desisti mesmo de estudar. *(3ª entrevistada: 37 anos, trabalha como empregada doméstica, solteira, mãe de 2 filhos).*

Desde os meus 7 anos de idade que eu trabalhava na roça, aí depois que eu vim pra João Pessoa, eu trabalhei de babá, de empregada doméstica na casa dos outros. E eu não estudava, na verdade eu nunca estudei na minha vida. Ano passado que eu comecei a estudar quando eu tinha 44 anos. Eu tive filhos e cuidava de casa e de marido, sentia vontade de estudar, mas não tinha como. Meu marido na época dizia: Para quê estudar? Eu tive 5 filhos e na verdade não dava mesmo para estudar. Agora que eles cresceram e o meu caçula hoje tem 15 anos e eu resolvi estudar. *(4ª entrevistada: 45 anos, trabalha como diarista/faxineira, solteira, mãe de 5 filhos).*

Eu desisti porque logo no começo com 10 anos de idade eu trabalhava em casa de família, era babá, aí chegava tarde em casa, cansada e tinha muita preguiça de ir pro colégio. Depois tive meu primeiro filho e aí é que eu não tinha condições de estudar mesmo. Depois tentei estudar mas nunca terminava o ano. E recentemente voltei para a escola. Meu esposo nunca me impediu de estudar, é tanto que eu voltei esse ano pra tentar terminar. *(5ª entrevistada: 29 anos, trabalha como empregada doméstica, solteira, mãe de 3 filhos).*

Minha mãe faleceu eu tinha 6 anos de idade, então eu vivia muito na casa dos outros, para lá e pra cá. Meu pai era alcoólatra, então eu ficava dormindo na casa do povo para trabalhar. A pessoa que é criada sem mãe ninguém se interessa né? Foi por isso. Sempre trabalhei desde novinha na casa dos outros, fui criada na casa dos outros. Hoje eu não enfrento tanta dificuldade como antes. Mas eu já sofri muito, principalmente no meu primeiro casamento. O pai dos meus filhos me batia muito, me chamava de burra, dizia que eu não era mulher para ele. Por isso que eu digo que existe homem muito machista né? O meu marido do meu primeiro casamento era muito machista, só quem prestava era as mulheres de fora, a de casa não prestava. Ele não era formado em nada, mas sabia ler, era mestre de obra e se achava mais superior do que eu, para ele eu era só uma doméstica, só tomava conta dos meus filhos. Ele me ameaçava, eu não saía nem de casa, passei 12 anos com ele, mas foram 12 anos de sofrimento. Meus filhos são a única benção disso tudo. *(6ª entrevistada: 35 anos, trabalha como empregada doméstica, viúva, mãe de 2 filhos).*

O cuidado com a preservação da identidade de cada entrevistada foi significativo para que pudéssemos ter uma participação mais confiante por parte das mesmas. Convidadas para uma sala neutra, sem intervenção de terceiros, onde estaríamos à vontade para uma conversa, as perguntas que foram respondidas e gravadas em áudio para posterior análise e transcrição. Já na fase de oitiva das entrevistadas pudemos identificar os principais motivos

que levaram as educandas a desistirem dos estudos no passado. Apenas a entrevistada 2ª não explicita em sua fala que deixou de estudar ainda criança por motivos de trabalho e para ajudar nas despesas de casa. Todas as outras mulheres afirmam que tiveram vida escolar interrompida quando pequena porque tiveram que trabalhar, umas na roça e outras como empregada doméstica.

O casamento e posteriormente a gravidez são citados por algumas entrevistadas como motivos para o afastamento da escola já na fase da adolescência e na fase adulta. Exceto a 2ª entrevistada, que diz que quando adulta procurou se matricular sozinha para começar a frequentar a escola, todas as outras mulheres deixam claro em suas falas que o casamento e a gravidez contribuíram para o afastamento da escola. O destaque nesse tópico é a 5ª entrevistada, que casou e engravidou com apenas 13 anos de idade.

Outro ponto que nos chama atenção na fala das entrevistadas é o impedimento dos estudos por parte dos companheiros das mesmas. Apenas a 5ª entrevistada relata que nunca sentiu resistência do companheiro em relação a isso. A 6ª entrevistada, por outro lado, não só foi impedida como sofreu ameaças e era constantemente humilhada por seu companheiro por não saber ler, além disso foi vítima constante de violência doméstica na época em que estava casada.

Por fim, a 3ª entrevistada teve dois relacionamentos e em ambos os companheiros proibiam a mesma de estudar. Cansada da opressão, resolveu dar um ultimato ao seu segundo companheiro e acabou o seu relacionamento para voltar para a escola.

Na fala das mulheres, identificamos como a opressão masculina, seja quando crianças, que tinham em seu pai a figura de homem opressor, que em alguns casos não deixava que elas

estudassem, seja depois, quando seus companheiros também oprimem e impedem as mulheres de projetar sua vida escolar.

Neste último tópico, onde analisamos o papel opressor que o homem exerce sobre a mulher, se faz necessário abrir um parêntese para fazermos uma análise de gênero, principalmente para tentarmos compreender a luta das mulheres e sua busca constante por uma nova identidade, novos valores sociais e culturais, uma luta identitária que reivindica o fim da opressão, submissão e desqualificação. Ao abordamos a EJA/AJA dentro de uma discussão de gênero, estamos evidenciando não só o papel da mulher nesse processo, mas também discutindo amplamente as relações entre homens e mulheres pautadas por identidades construídas social e culturalmente.

O II Plano de Políticas para Mulheres (II PNPM), de 2008, em uma de suas metas aponta a necessidade de “promover a alfabetização de mulheres jovens e adultas”. No entanto, a questão da AJA no Brasil é assinalada por descontinuidades, pela evasão escolar e por tênues políticas públicas que sozinhas não são garantidoras da permanência dessas alunas em sala de aula. Nesta mesma escola que contribuiu para a coleta de dados para este trabalho existiu uma sala de aula para empregadas domésticas, como já mencionado. O projeto, criado pela Prefeitura Municipal, em 2012, tinha como *slogan* “Domésticas aprendem a ler e escrever”. A sala era composta genuinamente por mulheres empregadas domésticas, mas com o passar dos anos, com a desistência de algumas e a demanda de alunos, a sala foi descaracterizada, abandonando-se o projeto para o segmento específico de empregadas domésticas. Em uma conversa informal com a Diretora da escola, a mesma relatou que a prefeitura pediu que ela cedesse o espaço, que não houve interesse da Prefeitura em continuar com o projeto. Pensar que esse projeto poderia ter cumprido o papel de mecanismo de mudança e transformação da realidade de muitas mulheres é interessante, principalmente

quando analisamos as profissões das mulheres entrevistadas e vemos que todas estão ligadas ao trabalho doméstico remunerado fora de casa. Ainda na perspectiva de gênero relacionado a AJA, é necessário levar em conta a história de vida dessas mulheres, enquanto educandas que também foram excluídas do processo formal de educação por justamente trabalharem como empregadas domésticas.

Já não bastassem, todos os obstáculos vivenciados por essas mulheres, a jornada dupla/tripla de trabalho e as condições que elas enfrentam todos os dias, com o cuidado da casa e o trabalho no espaço público ou privado, percebemos o quanto é difícil se manter nos estudos. No processo de igualdade e reconhecimento de direitos considera-se que a escola seja garantidora da discussão da equidade de gênero, uma vez que as salas de aula da AJA podem estar repletas de sujeitos que carregam em suas histórias de vida relatos de discriminações.

Nesse universo, a mulher sofre duplamente por seu gênero e por sua condição social.

Segundo Oliveira (2010), o preconceito em relação ao gênero dentre os/as alunos/as da EJA aparece em falas como essa: “lugar de mulher é em casa, cuidando dos/as filhos/as e do marido e não na escola”, discurso recorrente entre a maioria dos homens que estão nas salas de aula e suas mulheres em casa. Podemos dizer que esse, dentre muitos motivos, pode ser o causador da não permanência dessas mulheres nas salas de aula, que acabam por abandonar a escola por “choque” com as atividades domésticas, casamento, cuidados com os filhos e imposição dos companheiros.

## **5. MOTIVAÇÃO PARA O RETORNO À SALA DE AULA: perspectivas futuras**

Entende-se que o gênero ou as relações tradicionais de gênero, que são muitas vezes “ocultadas” nos currículos e nas discussões das salas da EJA/AJA, são geradoras das relações

de poder que influenciam os pensamentos, valores e comportamento dos sujeitos. Todavia, nas últimas décadas, as mulheres vêm abrindo caminhos e conquistando novos espaços. Consequentemente, a participação delas no mercado de trabalho e na educação está cada vez maior.

Temas relacionados à questão da educação, especialmente das mulheres, vêm tomando espaço nas grandes agências internacionais. Conforme Nogueira (2006), tornam-se necessárias as variadas discussões sobre a educação feminina e a implementação de políticas públicas que tenham como objetivo exterminar qualquer tipo de discriminação, principalmente no sentido da educação e do acesso à mesma. Rosemberg (2001, p.516) salienta que, no Brasil, como reflexo de movimentos de lutas de mulheres e de organizações internacionais como a UNICEF e a UNESCO, tem-se discutido a necessidade da educação das mulheres como um dos recursos para a superação da pobreza. O papel da mulher na redução da mortalidade infantil, da educação das crianças, do desenvolvimento da economia, e da sustentabilidade são imprescindíveis. Na declaração de Jomtien, 1990, em seu Art. 3, quando discorre sobre a universalização do acesso à educação e a promoção da equidade o documento enfoca que:

A prioridade mais urgente é melhorar a qualidade e garantir o acesso à educação para meninas e mulheres, e superar todos os obstáculos que impedem sua participação ativa no processo educativo. Os preconceitos e estereótipos de qualquer natureza devem ser eliminados da educação (UNESCO, 1998, P. 4).

Contudo, superar as desigualdades entre os sexos de forma que se promova a equidade, principalmente no sentido de acesso à educação se faz necessário para que avancemos em relação às discontinuidades que o analfabetismo causou e vem causando, sobretudo, na vida das mulheres na sociedade. Para Delors, 2000 o princípio da equidade obriga a um esforço particular para suprir todas as desigualdades entre os sexos. Pensando em acesso, e

permanência das mulheres na sala de aula, visivelmente podemos confirmar que de alguma forma minimizam-se os comportamentos de inferioridade que pesam sobre as mesmas. Nessa perspectiva, vejamos o que motivou e motiva essas mulheres a retornarem e permanecerem na sala de aula de AJA, assim como suas projeções para o futuro:

Eu sei assinar meu nome, mas não é do jeito que eu quero, por isso eu voltei a estudar e também porque o meu maior motivo é aprender a ler. [...] Eu gostaria de ser professora de criancinhas. Mas acho que vai ser difícil porque me disseram que o ciclo 2 é muito difícil. **(1ª entrevistada: 45 anos, trabalha como empregada doméstica, casada, mãe de 5 filhos).**

Com o tempo, esse abençoado que Deus colocou na minha vida, disse assim: Vamos pra escola? Aí eu disse, eu não acredito no que eu estou ouvindo... Tu vai mesmo pra escola ou tu vai só atrás da carteira de estudante? Porque se você inventar de ir pra escola e depois desistir, você fica sozinho em casa e eu vou só. E hoje às vezes eu faço um teste com ele dizendo que eu vou parar de estudar e ele diz que vamos até o final do ano. [...] Meu maior sonho é ler, abrir um livro de cânticos e cantar pra Deus. Eu por enquanto só quero isso agora, em relação ao futuro eu ainda não penso em nada. **(2ª entrevistada: 54 anos, trabalha em serviços gerais/limpeza, solteira, mãe de 1 filho).**

Na verdade, eu quero aprender mesmo e quero terminar meus estudos. Quero realizar um sonho que é ser advogada também, igual a minha irmã. [...] Meu maior sonho com os estudos é me formar advogada e futuramente poder ajudar outras pessoas também. Eu penso assim. A escola é muito boa, a gente faz muita amizade, na escola é como se fosse minha segunda família. Estou gostando muito de estudar. **(3ª entrevistada: 37 anos, trabalha como empregada doméstica, solteira, mãe de 2 filhos).**

Hoje se você não estuda você não consegue nada na vida. Eu digo isso sempre lá em casa, quero estudar pra eu aprender a ler e escrever, chegar em um lugar e não ter que perguntar as coisas a ninguém. É ruim chegar no hospital por exemplo, tá lá as placas tudo explicando e você tem que perguntar porque não sabe ler. Eu não quero chegar numa universidade não, mas pelo menos ler e escrever bem eu quero. [...] Na verdade, o meu sonho quando eu era criança era ser professora, mas como eu sei que isso não é mais possível e que não vai acontecer... Assim, é pela idade e pela dificuldade que eu vou ter de chegar lá, mas quem sabe um dia. A dificuldade de aprender, no meu ponto de vista, quando a gente chega numa certa idade só aumenta. Tudo fica mais difícil. Quando você deixa de estudar e começar de novo eu acho que é mais fácil. Mas no meu caso que nunca estudei, que ainda tenho que aprender escrever meu nome é tudo mais difícil. Não acho que é impossível, mas tem muitos obstáculos. Então eu vou indo... Até onde dê pra estudar. **(4ª entrevistada: 45 anos, trabalha como diarista/faxineira, solteira, mãe de 5 filhos).**

Eu voltei a estudar porque eu quero muito aprender a ler, eu ainda não sei ler muito bem, mas leio algumas coisas e isso me deixa muito triste, mas eu vou conseguir. [...] Quero terminar meus estudos e parar de trabalhar de diarista

e ter minha carteira assinada logo. *(5ª entrevistada: 29 anos, trabalha como empregada doméstica, solteira, mãe de 3 filhos).*

Eu resolvi voltar porque eu nunca soube ler, a leitura é muito bom e faz muita falta, por exemplo: na rua, não sei ler e tem que estar perguntando as coisas aos outros, entendeu? As pessoas dão as coisas para eu ler e eu não sei, meu namorado mesmo é chaveiro e às vezes pede para eu fazer um recibo e eu não sei nem para onde vai... Até quando eu fui abrir uma conta no banco, eu tive que aprender a fazer meu nome porque senão eu não abria e isso é muito chato, então por isso que eu me interessei em estudar agora depois desse tempo todo. Meu namorado me dá muita força para eu continuar os estudos, para ver se eu aprendo. Meu falecido marido também não me proibiu de estudar. [...] Eu penso em fazer um curso, me formar. Eu adoro culinária. *(6ª entrevistada: 35 anos, trabalha como empregada doméstica, viúva, mãe de 2 filhos).*

A EJA/AJA é, para muitas pessoas, especialmente para as mulheres, uma oportunidade de aprender a ler e escrever, de estabelecer contatos e superar em parte o tempo que foi perdido por conta dos vários motivos que já foram citados neste trabalho. Todas as entrevistadas têm como motivação maior de retorno à sala de aula o desejo de aprender a ler e a escrever. A 6ª entrevistada, afirma que os vários constrangimentos que passou foram o fator determinante para seu retorno à sala de aula. A necessidade de se comunicar e transitar por espaços que exigem que essas mulheres usem a linguagem escrita e a leitura foi imprescindível para as mesmas retornarem à escola. Quanto às perspectivas futuras em relação aos estudos, têm em sua grande maioria o desejo de saber ler e escrever. A 3ª e 6ª entrevistadas têm o desejo de se formar, a primeira em advocacia e a segunda em chef de cozinha. Já a 1ª e 4ª entrevistadas, tinham um sonho de serem professoras, mas devido às dificuldades e à idade, ambas acham que não será mais possível. A 5ª entrevistada pretende terminar os estudos para deixar de ser diarista e ter sua carteira assinada.

Sem dúvida a AJA se mostra como caminho para minimizar os efeitos da exclusão sofridos por essas mulheres, que viveram parte de suas vidas excluídas de um espaço de convivência que é a sala de aula, bem como também possibilita a melhoria das relações e

inserção dentro de outros espaços de socialização. Partindo dessa visão, Andrade (2008) afirma que:

Se, antes, o lugar da mulher era em casa, para cuidar de afazeres domésticos e das crianças, hoje o lugar da mulher também é na escola, mas não com o objetivo primeiro, ou não só com o objetivo de promover a profissionalização feminina para competir com os homens no mercado de trabalho dentro de uma maior equidade. (ANDRADE, 2008, p. 6).

As mulheres pensam em concluir seus estudos como uma forma de superação das dificuldades, o que está diretamente ligado à autoestima, à realização pessoal e profissional. Outro fator que deve ser levado em consideração nesse processo de retorno e permanência na sala de AJA é a forma como essas mulheres são vistas depois que ocuparam esse lugar que possibilita a capacidade de adquirir voz. Vejamos o que as entrevistadas relatam quando perguntadas se o convívio com familiares, amigos e no meio social em geral mudou depois de estarem frequentando a sala de aula:

Eu vejo que o tratamento mudou, as pessoas me tratam melhor. Minha família não gosta que eu venha para a escola por causa da violência. (*1ª entrevistada: 45 anos, trabalha como empregada doméstica, casada, mãe de 5 filhos*).

Minha situação mudou bastante, principalmente no meu serviço, as pessoas falam comigo de outro jeito. As pessoas entregam a chave pra mim, pedem pra eu passar recado no computador. E antes as pessoas não falavam comigo direito. Eles me dão a maior força pra eu aprender. Hoje eu me sinto melhor. Eu aprendi a falar com as pessoas com mais educação, palavras que eu não sabia eu falo hoje, já sei atender um telefone que não faz vergonha. Eu estou caminhando, estou conseguindo. (*2ª entrevistada: 54 anos, trabalha em serviços gerais/limpeza, solteira, mãe de 1 filho*).

Na verdade, eu nunca senti que as pessoas me tratavam mal, por eu não ter estudo. Meus patrões atuais sempre me apoiaram e por eles saberem que minha irmã está se formando eles também me dão apoio para eu seguir no mesmo caminho. Sempre tive apoio dos meus patrões. (*3ª entrevistada: 37 anos, trabalha como empregada doméstica, solteira, mãe de 2 filhos*).

As pessoas me dão força, principalmente quando eu digo que eu nunca estudei e que mal sabia assinar meu nome e ler eu sabia muito pouco. As pessoas ficam admiradas quando eu digo que estou estudando, elas dizem: ah que bom! Então isso, essas palavras me botam para cima. Quando eu estou na sala de aula eu gosto. Estudar é bom, conhecer coisas novas, fazer



novas amizades. *(4ª entrevistada: 45 anos, trabalha como diarista/faxineira, solteira, mãe de 5 filhos).*

Antes eu incomodava muito as pessoas antes, principalmente quando eu ia pegar ônibus, todas as vezes tinha que perguntar qual era aquele ônibus e as pessoas eram muito chatas, as vezes respondiam mal. Hoje não, eu consigo ler e pegar o ônibus sem perguntar a ninguém. Sei passar troco e ir no supermercado e ler as coisas na prateleira. *(5ª entrevistada: 29 anos, trabalha como empregada doméstica, solteira, mãe de 3 filhos).*

Eu vejo que mudou muita coisa, as pessoas me apoiam e falam que quem sabe eu não me forme um dia? Eu assisto muito jornal e eu vejo umas senhoras já de 60 anos se formando. Por isso que eu estava rindo para você e te admirando, por causa disso... Você tão novinha e já se formando (risos). Eu quero terminar meus estudos, principalmente para dar exemplos aos meus filhos, todos eles sabem ler e eu não. Às vezes, no dia das mães eles me entregam aquelas lembrancinhas com um bilhete e eu não consigo ler e peço que eles leiam para mim e eu acho isso tão chato, eu mesma queria ler, queria aprender para quando um dia eles me dessem eu mesma ler, entendeu? *(6ª entrevistada: 35 anos, trabalha como empregada doméstica, viúva, mãe de 2 filhos).*

Identificamos, na fala das entrevistadas que expressivamente houve mudanças no sentido positivo, principalmente em relação aos familiares e com pessoas do convívio social de cada uma delas. Afirmam que hoje fazem coisas que antes não conseguiam fazer, como por exemplo: compras sem precisar de ajuda, passar troco, pegar ônibus correto sem ter que pedir informações, serem mais comunicativas e respeitadas diante da nova postura que adquiriram após entrarem na sala de alfabetização. A 6ª entrevistada diz que pretende aprender a ler para ler os bilhetinhos que seus filhos costumam presenteá-la em datas comemorativas, visivelmente ela pretende melhorar sua convivência com seus filhos e de alguma forma mudar a visão que eles têm em relação à mãe que ainda não sabe ler. A 3ª entrevistada afirma que a família se posiciona contra o fato de ela frequentar as aulas por causa da crescente violência no bairro. De modo geral, todas as mulheres recebem incentivos e elogios sobre sua mudança de postura e tratamento no meio social em que vivem. Isso é certamente um reflexo do trabalho e do convívio em sala de aula.

De acordo com a LDB, a EJA passa a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, que tem como fundamento não só alfabetizar os/as jovens e adultos/as, mais sim dar oportunidades de escolarização no ensino regular, proporcionando a eles/as uma educação que possa desenvolver seu senso crítico e inseri-los/as no contexto social atual. Em relação às mulheres que entrevistamos, a alfabetização passa a ser considerada uma forma de empoderamento e conquista de território. São essas mulheres que trazem para dentro da escola muitas histórias e experiências que adquiriram ao longo dos anos vividos, o contexto onde nasceram, os obstáculos, segregações e suas conquistas.

O empoderamento pode ser tratado neste texto em relação à conquista do espaço da alfabetização por essas mulheres, às relações de poder estabelecidas ao longo da vida de cada uma delas e que fizeram com que, em certos momentos, elas se anulassem.

## **6. EMPODERAMENTO DE MULHERES: mudanças na postura e no pensamento à partir da alfabetização**

Ao falar das relações de poder, Louro (1997) destaca que durante muitos anos os estudos feministas estiveram centrados na concepção do homem dominador e da mulher dominada. Avançamos e hoje não temos essa “fórmula” como fixa. O que acontece na verdade é uma discussão mais ampla no sentido de que a mulher está inserida em formas de resistência e quebra desse paradigma.

Na AJA, identificamos que a conquista e superação dessas mulheres quando retornam aos estudos também diz respeito a essa quebra de padrão de dominação, que socialmente é construído e que enaltece a figura masculina em vários sentidos. Ao tratarmos da questão do poder associado à alfabetização, estamos tratando de algo palpável e identificado nas falas das

entrevistadas. Claramente observamos uma linha de crescimento e de mudança de postura quando essas mulheres retornam às salas de aula da AJA.

O empoderamento dessas e de tantas outras mulheres perpassa motivos diversos, desde a saída do espaço privado/doméstico para o espaço público, o acesso a oportunidades, o combate às desigualdades de gênero, a superação da pobreza, a melhoria da renda familiar, o cuidado com os/as filhos/as e principalmente o favorecimento da participação delas em processos de tomada de decisão, seja no espaço privado e/ou no público. Nesse sentido, foi relevante perguntar às entrevistadas se a questão do empoderamento é perceptível dentro do processo de alfabetização o qual as mesmas estão inseridas. Vejamos o que dizem as entrevistadas em relação a esse aspecto que é norteador deste trabalho:

Quando eu comecei a estudar eu me senti diferente, me senti poderosa, fui bem tratada e principalmente pela professora, que eu gosto muito dela. Eu fico rezando de dia, para que a hora passe para chegar de noite e eu vir pro colégio. Na minha vida hoje eu consigo falar algumas coisas mas de cabeça erguida, consigo ver as coisas no supermercado e pegar um ônibus. *(1ª entrevistada: 45 anos, trabalha como empregada doméstica, casada, mãe de 5 filhos).*

Eu antes não dava resposta, eu baixava a cabeça e aceitava tudo caladinha e às vezes até chorava. Hoje em dia é diferente, a resposta vem já na ponta da língua. Olhe, meu companheiro hoje em dia, eu já disse a ele que eu venho pra escola e ele não me proíbe mais. Antes eu pegava o ônibus pelo número e pela cor, hoje não, eu pego um ônibus pela letra. Uma mulher empoderada é saber enfrentar a verdade, eu me sinto tanto empoderada que até já estou levantando a ponta do nariz. Hoje em dia ninguém num me pisa mais não. Até o começo desse ano eu enfrentei muitas barreiras, que antes eu não tinha coragem de enfrentar e hoje eu enfrento sem medo de dizer uma palavra. No meu serviço onde eu trabalho as minhas amigas dizem: quem te viu antes e quem te vê agora. Já mudou muito a maneira de eu falar, de eu tratar as pessoas. Tem um ditado que diz assim: o pau quando nasce torto ele morre torto. O meu pau nasceu torto, mas ele não vai morrer torto. *(2ª entrevistada: 54 anos, trabalha em serviços gerais/limpeza, solteira, mãe de 1 filho).*

A sala de aula me faz ver o mundo de outra maneira. Hoje eu tenho muito mais vontade de estudar, porque eu quero alcançar meus objetivos. Antes eu não estava nem aí, não me cobrava e deixava os outros dizerem o que eu tinha que fazer, principalmente a pessoa que vivia comigo não deixava. Hoje eu falo o que eu quero e digo que vou estudar e ninguém pode me impedir. Então hoje eu me sinto bem, me sinto mais realizada e bem melhor. Eu me sinto uma vencedora, me sinto mais para cima. Antigamente eu ficava de

cabeça baixa, tinha medo. E hoje eu não tenho medo de nada, não tenho medo de enfrentar a vida. **(3ª entrevistada: 37 anos, trabalha como empregada doméstica, solteira, mãe de 2 filhos).**

Aqui na sala de aula a gente conversa sobre muita coisa, somos amigos, então um sempre diz uma coisa, outro diz outra e aquilo você vai escutando. Um exemplo: se eu sofro uma agressão verbal em casa e se eu falo pra uma amiga dentro da sala, ela vai dizer: mas mulher, tu não é obrigada a passar por isso, então tu tem que fazer assim, pra tu não ter que passar por isso. Quer dizer, ela já me ensinou o que ela sabia e dentro da sala de aula. E eu também posso ajudar outra pessoa dando conselho também e entender que ela também não pode passar por esse tipo de coisa, entende? Eu acho que a sala de aula é importante, até mesmo para os meus filhos, pois eu estando na sala de aula é uma forma de incentivar eles a estudar. Meu filho de 18 anos às vezes fica com “moído” pra ir para a escola, aí eu digo: meu filho, olhe meu exemplo, eu trabalho fora, trabalho em casa e ainda vou pra escola, às vezes morta de cansada, mas eu vou. Só o fato de eu ter passado por tudo na minha vida e hoje eu conseguir estudar, já é motivo para eu me sentir bem. Hoje eu consigo resolver coisas que eu não fazia antes. Por exemplo, tem gente que diz: Ah, você é mulher e não pode fazer esse tipo de coisa. Na mesma hora eu respondo e digo: quem disse que eu não posso? Posso sim, sou mulher, mas tenho os mesmos direitos que você. Isso às vezes acontece na minha casa, meu marido diz: mas mulher não ficou pra fazer isso. Aí eu digo: não ficava antes, mas agora a gente vive num mundo que pode. **(4ª entrevistada: 45 anos, trabalha como diarista/faxineira, solteira, mãe de 5 filhos).**

A escola ajuda sim, eu me sinto melhor e mais segura. Antes de entrar na escola eu me sentia mal. Até um troco eu não conseguia passar direito, hoje eu consigo. Me sinto melhor, mais disposta. Antes as pessoas podiam me passar a perna, mas agora não. Me sinto uma mulher pra frente, feliz e bem. **(5ª entrevistada: 29 anos, trabalha como empregada doméstica, solteira, mãe de 3 filhos).**

Hoje eu vejo que eu consigo falar melhor e enfrentar as dificuldades, quero olhar para frente. Antigamente era mais calada e não ligava muito para muitas coisa, mas hoje eu estou pensando no meu futuro e na minha conquista. Hoje eu me sinto uma mulher diferente sim. Hoje eu consigo batalhar pelos meus objetivos, consigo batalhar e pensar no que eu quero, é lutar para conseguir. **(6ª entrevistada: 35 anos, trabalha como empregada doméstica, viúva, mãe de 2 filhos).**

Aqui a perspectiva de empoderamento de que estamos falando diz respeito a um processo de apoio a essas mulheres para que as mesmas sejam mais conscientes das relações de poder em que estão ou estiveram inseridas e que viveram ao longo dos anos; e, além disso, estarem preparadas para assumir o controle de suas vidas. A 5ª entrevistada diz que se sente segura e que consegue se expressar melhor e que se sente uma mulher “pra frente”. A 2ª

entrevistada relata que já consegue se posicionar e que não admite mais sofrer humilhações. A 4ª entrevistada narra que consegue através da troca de experiências transformar sua realidade e das colegas e tem uma visão de que os mesmos direitos podem ser tanto para homens quanto para mulheres.

Nas falas das entrevistadas podemos perceber que embora as mesmas falem de mudança de postura e de tomada de decisão em relação à administração de suas vidas, o conceito de empoderamento ainda é muito subjetivo e pode facilmente ser confundido com a questão da autoestima que levantamos e discutimos anteriormente neste trabalho. Em relação a um conceito mais estrutural de empoderamento Giroux (1988) aponta que a alfabetização crítica se torna pré-condição para o empoderamento individual e social, portanto, o sujeito inserido nesse processo precisa acima de tudo tomar consciência de que a alfabetização é e pode ser um instrumento para a estruturação de uma nova visão a fim de desenvolver suas perspectivas histórias e de perceber-se como partícipe das lutas em prol de mudanças. Vejamos que a alfabetização com esse conceito ganhou outro patamar e deixa de ser concebida como apenas emancipatória, ela se ressignifica para o engajamento em lutas em torno tanto de relações de significado, quanto de relações de poder.

É nesse sentido que a Literacy Initiative for Empowerment (LIFE) foi criada. Intitulada Iniciativa de Alfabetização para o Empoderamento, visava contribuir para que as metas da Declaração de Dakar fossem alcançadas dentro da perspectiva de um plano estratégico cobrindo dez anos (2006-2015). Dentro das metas de Dakar destacavam-se principalmente a meta três (suprir as necessidades de aprendizagem de todos/as os/as jovens e adultos/as), a meta quatro (aumento de 50% nas taxas de alfabetização de adultos/as), além das metas transversais, por exemplo, a meta cinco (atingir igualdade de gênero na educação) e, por fim, a meta seis (melhorar a qualidade da educação).

A meta final de desenvolvimento da LIFE é contribuir com o empoderamento de alunos/as, para que eles/as possam fazer escolhas conscientes, exercer controle sobre questões que os afetam e, finalmente, melhorar a qualidade de suas vidas. Foram convidados 35 países em ciclos progressivos na África (18), Região Árabe (6), Ásia e o Pacífico (9), América Latina e Caribe (2). A partir de 2008, o Brasil, assim como outros países, recebeu o apoio prioritário da UNESCO.

Em documento publicado pela UNESCO em 2014 que tem por título *Alfabetización y empoderamiento de las mujeres: Historias de éxitos e inspiración*, é ressaltada a importância da alfabetização como um direito humano de todos/as, indicando que esse processo de alfabetização e o contato dos/as jovens adultos/as, especificamente das mulheres, com essa realidade pode proporcionar melhorias significativas na saúde e na educação dos seus/as filhos/as, melhorias na vida social e profissional.

Segundo o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) 2013, as mulheres que completaram a educação primária têm mais probabilidade de ter menos filhos/as, além de exercerem um controle maior sobre as negociações e mais probabilidades de serem economicamente ativas e custear sua educação.

Por fim, entendemos que a discussão de gênero e empoderamento se faz necessária para que possamos ter uma dimensão da importância do papel da mulher na alfabetização de jovens e adultos/as, sobremaneira no sentido de mostrar que a alfabetização é um espaço ou uma forma de trazer mudanças significativas para essas mulheres. Os avanços são significativos e os números comprovam que a projeção é que as desigualdades de gênero em relação ao acesso e permanência sejam sanadas, que a alfabetização e as várias formas de empoderamento que a mesma traz sejam discutidas nas salas de aula da EJA/AJA, possibilitando uma visão crítica por parte dos/as alunos/as. A complexidade das relações de

gênero e de poder devem ser discutidas e tratadas nas salas de aula na tentativa de eliminar discriminações.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do texto, podemos perceber que desde a década de 1940 as mulheres vêm conseguindo reduzir as taxas de analfabetismo, estando à frente dos homens nos primeiros grupos de idade dos Censos do IBGE, dos 5 aos 45 anos de idade. Relacionado a isso, elencamos vários documentos legais e autores/as que comprovam a importância, necessidade e urgência de investimentos em políticas públicas que garantam o acesso e permanência de pessoas dos grupos etários acima dos 45 anos de idade na EJA/AJA, como meio para a autonomia, independência e empoderamento de mulheres.

Culturalmente se instituiu na sociedade que a mulher tem pouca participação na tomada de decisão em relação ao homem e menos propensão a assumir papéis de liderança. Isso também pode ser visto na questão da alfabetização das jovens e adultas nas salas da EJA/AJA, pois os estudos comprovam que as mulheres, em relação aos índices de alfabetização, sempre estiveram, nos grupos de idade acima dos 45 anos, abaixo dos homens. Isso porque no jogo dos papéis e do poder, a mulher sempre esteve em posição subalterna, destinada às atividades domésticas e “destinadas” aos espaços privados.

Nessa perspectiva, entendemos que alfabetizar não é apenas ensinar a ler e escrever, embora o que se busca esteja diretamente ligado a essas duas competências. A alfabetização, no caso dessas mulheres, que tiveram por diversos motivos, seu direito de estudar cerceado, é nesse caso específico uma conquista pessoal e que demonstra a superação de uma vida de segregação. Para Giroux, (1988), ser alfabetizado/a não é ser livre, é estar presente e ativo/a

na luta pela reivindicação da própria voz, da própria história e do próprio futuro. Portanto, essas mulheres que trazem em sua história marcas de discriminações e episódios de desigualdades e violências são a prova de que, assim como elas, muitas outras podem perceber que é possível uma mudança de postura no sentido do empoderamento por meio da educação. O conhecimento não só emancipa, mas empodera, principalmente quando se percebe de forma crítica que ele pode ser a chave de mudança individual e coletiva.

Nossa pesquisa com uma turma de alunas de alfabetização nos possibilitou conhecer mulheres de faixas etárias diferentes, com trajetórias de vida únicas e marcantes e que buscaram e buscam dia após dia não só frequentar uma escola ou uma sala de aula, mas principalmente reparar “erros” do passado, que as fizeram abdicar de inúmeros sonhos para “servir” outras pessoas, a exemplo de maridos, filhos/as e empregadores/as.

O que podemos dizer é que claramente a alfabetização é um meio que possibilita a mudança de postura e pensamento, como citado em várias falas de nossas entrevistadas, e que ajuda consciente e inconscientemente a serem criadas e reinventadas pessoas, mulheres, mães e trabalhadoras que agora, como estudantes e seres em constante formação, pensam, planejam e executam metas e objetivos que traçaram para suas vidas há décadas atrás. Chegamos ao final deste trabalho com a certeza de que a alfabetização por si só não pode ser convertida automaticamente em empoderamento. Afirmamos que a alfabetização, quando se desenvolve de forma crítica, pode ser condição para o empoderamento, mesmo porque isso depende de vários outros fatores, como a cultura, costumes, o contexto de cada lugar, que influenciam de forma positiva ou negativa nesse processo. Firmemente entendemos que as discussões sobre a alfabetização de mulheres e o empoderamento podem ser o caminho para a introdução de várias outras discussões pertinentes nas salas de aula da EJA/AJA.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Patrícia Teixeira de. Representações sociais do analfabetismo na perspectiva de jovens e adultos não-alfabetizados. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2004.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. Juventude, processos de escolarização e maternidade. Anais do Fazendo Gênero 8. Florianópolis, agosto de 2008.
- BARBOSA, M. L. F. F. Alfabetização de jovens e adultos: qual autoestima? Revista Brasileira de Educação v. 20 n. 60 jan.-mar, 2005a. p. 143-165.
- BELTRÃO, Kaizô I. Alfabetização por raça e sexo no Brasil : evolução no período 1940-2000. Rio de Janeiro, 2002, p. 59.
- BOSI, E. A pesquisa em memória social. Psicologia USP, S. Paulo, v.4 n. 1/2, p. 277-284.
- BRASIL, IBGE. Conselho Nacional de Estatística. Contribuições para o estudo da demografia no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1961. Parte G- Alfabetização, p. 387-448.
- \_\_\_\_\_, Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_, Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_, Plano Nacional de Políticas para Mulheres. Brasília: Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres, p. 68. 2008.
- CAMARGO, Janira S. A mulher nos documentos da educação de jovens e adultos e adultas. Revista Ártemis, Ed. v. 14, ago-dez, 2012. Pp. 155-163. 2012.
- DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, Brasília; DF: MEC: UNESCO, 2000, p. 85.
- FERRARO, Alceu Ravello. Gênero e alfabetização no Brasil de 1940 a 2000: a história quantitativa da redação. First ISA Forum of Sociology: Sociological Research and Public Debate. Barcelona/Espanha de 5-8 de setembro de 2008.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler. Editora Cortez, Coleção 4. Ed. 23, 1989, p. 01-49.
- \_\_\_\_\_, P.; SHOR, Ira. Medo e ousadia – O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- HENRY A. Giroux. Alfabetização e pedagogia do empoderamento político”, Teoria da Educação, 38, 1988, p. 61-75.
- LOURO, Guacira Lopes. (1997). Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª. Ed. Petrópolis: Vozes.
- MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia Qualitativa de Pesquisa. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

NOGUEIRA, V. L. Educação de Jovens e Adultos e Gênero: um diálogo imprescindível de política educacional destinada às mulheres das camadas populares. In: SOARES, Leôncio. Aprendendo com a diferença. Estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, T. R.. A mulher em distintos espaços sociais: um estudo sobre o gênero. 2007. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/1/GT01/38.pdf>. Acesso em: 15-03-2017.

PINHO, Maria José Souza. Abordagens de gênero e educação: estratégia para a igualdade e liberdade. Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, Anais, Maceió, 2007 p. 1-11.

ROSEMBERG, Fúlvia (2001). “Educação formal mulher e gênero no Brasil”. Revistas Estudos Feministas, Vol. 9, n. 2, p. 515-539.

\_\_\_\_\_, Fúlvia. Educação infantil, classe, raça e gênero. Cadernos de pesquisa da Fundação Carlos Chagas, São Paulo, v. 96, p. 58-65, fev. 1996.

TRIGO, M. H. B.; BRIOSCHI, L. R. Interação e comunicação no processo de pesquisa. In: Reflexões sobre a pesquisa sociológica. Coleção de textos: 2ª série, N.3, 1992.

UNESCO, World Conference on Education for All - Meeting Basic Learning Needs. Jomtien, Thailand, 1990.

\_\_\_\_\_, Institute for Lifelong Learning. 2012. Literacy Initiative for Empowerment: global LIFE mid-term evaluation report 2006-2011, Hamburgo: UIL. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org>: Consulta em 16-12-2016.

\_\_\_\_\_, Instituto para el Aprendizaje a lo Largo de Toda la Vida. 2014. Alfabetización y empoderamiento de las mujeres. History de éxitos e inspiración, Hamburgo: UIL. Disponível: <http://uil.unesco.org/es/portal/news-target/il-publishes-research-study-on-womens-literacy-and-empowerment>. Consulta em 16-12-2016.

\_\_\_\_\_, Declaração de Dakar. Educação para todos. Dakar, Senegal. 2000.

\_\_\_\_\_, Declaração de Hamburgo. Agenda para o futuro. V Conferência Internacional de Educação de Adultos. V CONFITEA. Hamburgo, Alemanha. 1997.

UNFPA. Gender Equality: Empowering woman, 2013. Disponível em: <http://www.unfa.org/gender/empowerment.htm>. Consulta em: 17-12-2016.

## **APÊNDICES**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos desenvolvendo uma pesquisa intitulada: **ALFABETIZAÇÃO DE ADULTAS: perspectivas de empoderamento**, com o intuito de analisar os motivos que levaram as mulheres a desistirem dos estudos no passado e os motivos que as trouxeram de volta à sala de aula, bem como, o entendimento das mesmas sobre a mudança de postura e tomada de decisão baseadas nas perspectivas de empoderamento. Assim, gostaríamos de poder contar com a participação, permitindo a utilização da entrevista gravada em áudio como objeto de análise principal deste estudo. Informamos que essa entrevista não implicará em prejuízos trabalhistas, educacionais e financeiros. De modo que, a qualquer momento, poderá desistir da participação sem que isso lhe acarrete quaisquer penalidades. As informações obtidas no decorrer deste estudo serão utilizadas exclusivamente no mesmo. Para maiores esclarecimentos poderá me contatar no telefone: (83) 98834-0224 ou através do e-mail: priware3@gmail.com.

---

Priscila Mikaelle Costa de Araújo

Tendo sido informada sobre a pesquisa concordo participar da mesma.

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA  
NA ESCOLA LUIS AUGUSTO CRISPIM**

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Ao responsável pela Instituição “*lócus*” da pesquisa

Eu, Priscila Mikaelle Costa de Araújo, responsável principal pela pesquisa intitulada: ALFABETIZAÇÃO DE ADULTAS: perspectivas de empoderamento, vinculada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, venho pelo presente, solicitar autorização do/a Gestor/a da Escola Municipal Luis Augusto Crispim, para realizar pesquisa com o objetivo de realizar um estudo sobre os motivos de desistência dos estudos no passado, os motivos de retorno à sala de aula de alfabetização, bem como o entendimento por parte das alunas sobre a compreensão de mudança de postura e de tomada de decisão relacionados as perspectivas de empoderamento. O referido estudo está sob Orientação e Co-orientação dos Professores Maria Eulina Pessoa de Carvalho e Timothy Denis Ireland.

Na certeza de contar com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,

---

Priscila Mikaelle Costa de Araújo

Orientanda-UFPB

---

Profa. Marlene Helena de Oliveira França

Coordenadora de TCC- UFPB